

A TRIBUNA — Vitória, ES, quinta-feira, 19 de agosto de 1982

“XIRIRICA...” continua, até domingo, no Carlos Gomes

Quem ainda não assistiu a peça **Tem Xiririca na Bixanxa** pode fazê-lo durante esta semana, a partir de hoje no Teatro Carlos Gomes. Os ingressos custam Cr\$ 300 e Cr\$ 500, menos no sábado, quando o último preço é único, e a montagem permanece em cartaz no horário das 18h30 até este domingo. Depois o grupo segue com o trabalho pelo interior do Estado.

Original de Amylton de Almeida, Milson Henriques e Marcos de Alencar, este texto foi adaptado pelo diretor pernambucano Vital Santos, já premiado com um Molière, para ser montado a pedido do grupo, que desejava estreiar um espetáculo do gênero revista e, conhecedor que é dos talentos locais, sabiamente escolheu os três autores.

O texto foi inspirado em personalidades da sociedade capixaba, tendendo para a sátira. Porém, o tema de que trata, a corrupção nos altos escalões do Governo, não pode ser necessariamente associado ao Espírito Santo, uma vez que fatos como os que o enredo alegoriza podem caber em um contexto mais amplo. Os autores asseguram, quanto às prováveis associações com a vida de elementos locais, que “qualquer coincidência terá sido mera semelhança”; e um deles, Marcos de Alencar, vai além: “Quem se vir na peça estará sendo muito pretensioso...”

A história se passa em dois tempos e lugares: anos 50, em Cachoeiro de Itapemirim, e anos 70/80, em Vitória. “Mais para o circo, que também é popular, como a revista”, é como alguns integrantes do Ponto de Partida definem o gênero deste trabalho. Como a tônica é o deboche (já que vamos encontrar, nestes autores, uma grande virtude que é a de saber destilar o melhor do ridículo), a montagem absorve todos os matizes que ao gênero se pode atribuir.

Xiririca nos revela um trabalho importante, em mais de um sentido. Primeiro, porque a vinda do diretor, Vital Santos,

Ailton Lopes



Até domingo, a comédia **Tem Xiririca na Bixanxa** pode ser vista no Teatro Carlos Gomes

proporcionou a classe teatral capixaba a oportunidade de participar de cursos sobre iniciação e evolução do teatro; segundo, porque a peça decididamente mexeu com a cabeça de todo mundo. As críticas proliferaram e se controverteram, e o fato é que a montagem deu o que falar. Entre muitos dos comentários, vale citar, apenas como curiosidade, o de uma colunista local, que, sem sequer assistir a peça toda, criticou a dicção dos atores — referindo-se a um deles como tendo “a língua presa”. Ora, seria bom esclarecer que quem tem a língua presa é a personagem **Zé Di**, e não o ator que a vive, Rômulo Musiello Filho. Trata-se de recurso de montagem... Enfim, é mesmo cometendo equívoco que se aprende — muito embora quem se credencie na função de “pessoa de utilidade pública”, como é o caso dos profissionais da comunicação, deva se preocupar mais com esses detalhes.

Fazem parte do elenco Marta Baião (Kátia Waleska) Eussa Gil (Ireniêti Gay-Bor), Nazareth Martins (Alxira Gay) Agostino Lazzaro (Padre e Secretário), Rômulo Musiello Filho (Zé Di) Robson Silveira (Célio Noites), Creso Filho (Boston Guaçu) e Alcione Dias (Birtes Béti L'Aqua). A direção musical é de Creso Filho, a sonoplastia de Toninho Perin e os figurinos de Marta Baião e Tida Barbariole.